

LETRAS DE HOJE

Nº 51

MARÇO DE 1983

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1428

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poesch

Revisão e correspondência:

Profª Maria Rita Motta Guedes Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poesch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavan e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domingues de Rodrigues Pasquas e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignácio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura

— 4 números anuais —

Brasil: Cr\$ 2.200,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cr\$ 650,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Regina Zilberman — Apresentação	p.	5
Aricy Curvello — A Náusea e o Mimeógrafo — Os Poetas estão nas Ruas	p.	7
Stella Costa de Mattos — Affonso Romano de Sant'Anna — Trajetória Poética	p.	17
Lélia Parreira Duarte — Pessach: a travessia: Narrativa Especular	p.	31
Wander Melo Miranda — Os carbonários e Reflexos do baile: Aspectos Estruturais	p.	49
Taiza Rauen Moraes — O Conto de Clarice Lispector e a Sociedade Burguesa	p.	61
Elvo Clemente (tradução e adaptação) — Escritor, Texto e Leitor	p.	69
Pedro Lyra — Para um Conceito de Crítica	p.	79
Regina Zilberman — Aspectos da Interpretação Literária	p.	91
Cleone Antônia C. L. de Abreu Ribeiro — Uma Proposta de Estudo Sociológico da Obra Literária — Enfoque a Nível de um Empirismo Semântico ...	p.	123
Recensões		
Literatura infantil: as contradições do gênero, por Lígia Averbuck	p.	137
Poesia em Portugal, por Elvo Clemente	p.	141
Bom mais sério do que parece, por Lígia Averbuck	p.	143

APRESENTAÇÃO

Com mais de cinquenta números publicados, ao longo de 15 anos de atividades ininterruptas, LETRAS DE HOJE vem se mantendo como um porto seguro para os estudos literários e lingüísticos. Sem nunca ter abandonado seus propósitos iniciais, a Revista sempre procurou dar ênfase à literatura moderna, assim como à investigação do passado e do presente da literatura sul-rio-grandense. Investiu ainda em terrenos novos, abrindo espaço à reflexão sobre a Literatura Infanto-Juvenil e suas relações com o ensino, consolidando, pois, as pesquisas direcionadas a este setor, no que diz respeito à sua teoria e crítica.

Completando o número cinquentenário, é ocasião para se inaugurar uma nova série, ainda uma vez, com a arte contemporânea e a produção atual. É neste sentido que estudos a respeito dos rumos mais recentes e originais da literatura brasileira, no âmbito da poesia, do romance e do conto, ocupam as páginas que se seguem. Sempre tendo como princípio norteador contribuir para o conhecimento e a compreensão de nossa cultura, esperamos continuar por longo tempo servindo às metas que decretaram o nascimento deste periódico e garantiram sua continuidade e importância nacional.

Regina Zilberman,
Organizadora

A NAUSEA E O MIMEÓGRAFO OS POETAS ESTÃO NAS RUAS

Aricy Curvello

UM PAIS EM OUTRO

O curso da história nacional veio culminar em um capitalismo dependente e periférico, em um país voltado para fora de si próprio, em que o mascaramento de nossas realidades é uma das características principais da vida brasileira oficial.

Principalmente, o Brasil oficial é muito pequeno dentro do país real que ele domina, representa, explora e deforma. Esse país formal é, quando muito, as regiões sudeste e sul, as capitais dos Estados e as grandes e médias cidades do litoral e do interior. "Extrafronteiras" estão grande parte do nordeste, do centro-oeste e da Amazônia. Mais de setenta por cento de nosso país real ainda não foram integrados ao que conhecemos por Brasil.

Mais da metade de nossa gente não é alfabetizada. Constituímos uma sociedade égrafa e não literalizada, donde o acerto do velho dito de que somos um povo sem memória, povo que esquece muito depressa as melhores e as mais tristes experiências de nossa vida nacional. Não poderia ser de outra forma, pois o Brasil nem sequer se utiliza das virtualidades da mais simples tipografia na maior parte de seu território continental, em que também não existem jornais e revistas, livrarias, colégios e bibliotecas.

Em verdade, o enorme solo continental apenas se integra, hoje, penosamente, pelo avião e pelas telecomunicações. Meios técnicos de supremacia do país oficial sobre o país real desconjuntado, pré-capitalista, analfabeto, fora de uma economia de mercado.

O sistema literário criado no interior da sociedade brasileira espelha as condições sociais, políticas e culturais de que nasceu e em que se apóia ainda. Nosso parque editorial é

restrito e data de poucas décadas, atrelado a custos altos de produção e baixo nível de consumo de seus produtos. No círculo vicioso do subdesenvolvimento brasileiro, as editoras vivem de e em torno de escritores canonizados (estrelas), os livros obrigatórios em colégios e faculdades, livros didáticos e os dedicados a atividades profissionais, bem como sucedâneos. O mais é a enxurrada de best-sellers e infraliteratura das multinacionais da indústria cultural.

Trata-se de um sistema editorial literário fechado e de um sistema literário excludente e discriminador. Este último é copiado da Europa inclusive nas periodizações literárias de sua "história", bem como sua Academia Brasileira de Letras. Para uma minoria das minorias. O crítico Fábio Lucas resume o que vinhamos apontando: "Difícilmente conseguiremos explicar a um estrangeiro porque entre nós a poesia não se vende, os ensaios quase nunca apresentam edições de cinco mil exemplares e livros de contos, quando logram ter edições de 30.000 exemplares, são casos raros e excepcionais, num país de aproximadamente 130 milhões de habitantes. Nenhum escritor brasileiro, por mais afortunado que seja, poderá pensar que, escrevendo uma obra, estará se comunicando com 0,1% dos brasileiros. Por detrás de seu trabalho, predomina uma sociedade ifetrada"(1). No entanto, estamos por demais habituados e condicionados a viver realidades oficiais e nos manter distanciados da consciência plena do que é nossa existência nacional.

QUILÔMETRO ZERO

Desde o início do século republicano, Rio de Janeiro e São Paulo firmaram-se como os maiores centros produtores e consumidores de literatura e poesia. Muito de longe, seguiram-se Porto Alegre e Belo Horizonte. Basicamente, é o eixo Rio-São Paulo que chancela e canoniza para o reconhecimento nacional os escritores, poetas e demais artistas brasileiros.

Nossos vãos teóricos cariocas e paulistas... Mas é preciso sempre lembrar que são eles que detêm o poder intelectual, vale dizer, que possuem a seu alcance os meios de divulgação de mais amplo espectro, para não apenas divulgar seu pensamento, como para impor sua visão do mundo. Com isto, evidentemente, sacraliza-se uma "história" literária que, na maioria das vezes, nada tem a ver com o que efetivamente ocorreu. Deformações alçadas, agora, à condição de verdade histórica.

Que aconteceu, por exemplo, com o modernismo paulista? Sem diminuir a importância deste verdadeiro movimento, há

que se lembrar igualmente que o fundamental para a expansão da estética modernista foi o acesso daqueles intelectuais ao poder político, via Ministério da Educação e Universidades. Induziram, a contar daí, a escrita de nossa história literária a partir do racha que significou a Semana de Arte Moderna. Em função disto, ignoraram-se fatos e acontecimentos, entre os quais a evidência dinossáurica de que a Semana quase nada repercutiu (ou nem se fez sentir) nas demais regiões de um país colossal.

OS PRÉ-POETAS

O conceito de pré-modernismo, proposto por Alceu Amoroso Lima para o período 1900-1920, bem que mereceu o início de demolição efetuado por Joaquim Francisco Coelho(2).

E OS PÓS-POETAS?

Que validade estética e histórica encerram designações do tipo pré-modernismo e pós-modernismo? Meros carimbos. Meros pontos de referência imprecisa. O mais é nosso vácuo e nossa geléia geral.

Geração de 1945? Concretistas? Estes deveriam ser designados de abstratos. E os pós-poetas?

ANTES DE USAR: AGITO

Os apontamentos anteriores procuraram registrar, em traços rápidos, o estreito círculo do Brasil oficial e o caráter interessado e provincial que tem a "história" cultural do país. Capítulos que se referem à mesma sociedade que se tentou reformar e democratizar durante o governo Goulart e cuja sociedade o golpe militar de 1964 veio defender e conservar, encerrando um ciclo histórico, rasgando a Constituição de 1946, instalando governos autoritários.

Muito mais que um problema de periodização literária, as manifestações e obras de uma nova geração que surge nesse período trazem, e desenvolverão crescentemente, rupturas e rejeições de nível mais profundo que o pretendido por alguns críticos e pesquisadores. As caras novas irão desencadear criações originais, novos meios de publicação e divulgação de suas obras, um novo espírito, em suma, um autêntico movimento.

Nem sempre a uma geração corresponde um movimento ou uma nova estética. De acordo com a sociologia da litera-

tura que se propõe a estudar gerações, uma nova aparece de vinte em vinte anos. Tornar-se-á como sua data-base e ponto de referência a do acontecimento histórico/social/cultural, etc. de maior relevância para a camada geracional. Se ao centenário da Independência e à Semana de Arte Moderna corresponde a geração de 1922, a de 1945 corresponde à derrota do nazi-fascismo e à queda da ditadura de Vargas — geração de 45 rachada em quase duas vertentes ("tradicionalistas" versus "vanguarda" concretista) e uma miscelânea que não ousa dizer o seu nome. É que designação empregar para a turma seguinte?

A camada seguinte recebeu e continua recebendo diversos apelidos. Geração AI-V. Geração mimeógrafo. Geração marginal. Geração tropicalista... Designações que foram sendo invocadas à mesma medida em que os assim batizados foram desenvolvendo suas propostas, sendo esmagados e/ou censurados, partindo para a guerrilha urbana ou uma resistência política diversificada ou o desbunde, bem como o tropicalismo. Mesmo entre os integrantes da camada, não há consenso a respeito de rótulos. Parece-nos que, inclusive sociologicamente, a designação mais apropriada é a de geração 1964 por motivos ululantes, se bem que as Edições Pirata (Recife) venham usando o logotipo de geração 65. A nosso ver, 65 nada significa.

Esta nova geração é detectada também por pesquisadores como Carlos Alberto Messeder Pereira⁽³⁾, entre outros. Seus integrantes mais velhos terão nascido em volta dos anos finais da Segunda Guerra Mundial e terão em torno de 20 anos em 1964, sendo que os mais jovens terão nascido em torno do ano-limite de 1965.

Entre os antecedentes dos mais velhos estão o acompanhamento ou participação na intensa movimentação política estudantil dos anos sessenta, direta ou indiretamente os CPC's (Centros Populares de Cultura) e sua poesia hoje denominada de "populista", a série Violão de Rua⁽⁴⁾, os inúmeros jornais e publicações de diretórios universitários e secundaristas. Diretórios, grêmios, associações que iam do nível nacional (UNE) até o mais estritamente local (DCE da Univ. Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, p. ex.) em que a presença do mimeógrafo é quase sempre indelével.

Nessa ampla salada entram como molho os folhetins de literatura de cordel e folhetos mimeografados estudantis. Uma das figuras exponenciais da Tropicália, Torquato Neto, tinha uma enorme coleção de literatura de cordel⁽⁵⁾, bem como conheceria sua futura esposa, Ana Maria, em 1963, na inaugura-

ção do Teatro da UNE, no antigo Villa Lobos da Praia do Flamengo, no Rio⁽⁶⁾.

Após 1964, o uso do mimeógrafo e da xerox será exaustivo pelos vários setores do movimento estudantil. Principalmente nos anos cruciais de 1967 e 68, quando ocorrem as últimas grandes passeatas estudantis e enfrentamentos de rua com a polícia, manufações que se estendem a quase todas as grandes capitais do país.

Em dado momento, entre 1967 e 1968, começaram a surgir publicações de jovens autores. Acompanhavam (ou não) o ideário juvenil de resistência aos regimes militares pós-1964, mas é flagrante a discordância metafórica com os valores do Brasil oficial. Não só se tratava agora da distância entre o oficial e o real, mas do divórcio crescente entre Estado e sociedade no Brasil, agravado pelo fenômeno internacional de rebeldia juvenil.

São publicações modestas a princípio. Muitas, mimeografadas, como é do caráter das publicações juvenis à época. Inicialmente, obras individuais. Já havia ocorrido no Rio o célebre show do "Opinião" e Maria Betânia, substituindo Nara Leão, divulgaria canções do mano Caetano. Em São Paulo, o grupo do Teatro Oficina, com suas experiências, "Ainda em 67 Flávio Nascimento editava no Rio os 500 exemplares de seu primeiro livro, prefaciado por Torquato (Neto) e Chico Buarque, e o mineiro Xico Chaves publicava mimeografado seu *Pássaro Verde*"⁽⁷⁾, enquanto Elcio Teixeira Naves mimeografava poemas em folhas soltas e já havia escrito com spray vermelho alguns poemas na parede de acesso ao novo prédio da Faculdade Federal de Direito, em Belo Horizonte, e Márcio Sampaio me pedia poemas-cartazes para uma exposição efetivamente realizada. Fernando Brant já fornecida letras para as músicas de Milton Nascimento.

Em outubro de 67 ocorreu o célebre festival de música da Record, dado como ponto de partida do tropicalismo com "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso e "Domingo no Parque" de Gilberto Gil, em São Paulo. Minas Gerais assiste ao lançamento da revista "Estória", em papel kraft, grampeada, iniciando o grande ciclo do jovem contista mineiro. O ano de 1968 registrava uma sensível subida de temperatura. As últimas grandes passeatas estudantis. Nas escadarias do Teatro Municipal do Rio "ocorreu a rasgação de livros... quando os lançadores do poema-processo destruíam simbolicamente a poesia discursiva de nomes estabelecidos como Drummond e João Cabral"⁽⁸⁾. Sin.l dos tempos. Em dezembro é editado o

AI-V e o sufoco principia. Suas conseqüências são fundamentais para o estudo do fenômeno que procuramos esclarecer.

O AI-V E O SUFOCO

O ano de 1969 ou, mais precisamente, a virada dos anos sessenta para os setenta guardou os momentos básicos do que se desenvolveria como uma reorientação geral da cultura brasileira. Foge a nosso objetivo neste estudo a ampla gama dessa virada. Procuraremos nos fixar, fundamentalmente, em fatos marcantes e nas parcelas mais ativas da juventude brasileira no Rio, São Paulo, Minas, Bahia e Paraná, regiões em que mais objetivamente se desencadeou o fenômeno geracional a que viemos nos referindo e que se espralará progressivamente, a ponto de, em 1982, ter atingido os pontos extremos de Porto Alegre (RS) ao sul e Manaus (AM) ao norte.

Algumas coordenadas caminharão paralelamente e findarão se mesclando no curso do processo. Não se tratou, apenas, de resistência cultural aos governos autoritários e ao Brasil oficial, mas também de problemas relativos à situação do jovem autor e do iniciante. De forma muito mais grave que o das poucas vagas nos vestibulares das Universidades, sempre foi muito grande o número de pretendentes a escritores e poetas em relação à exigua quantidade de vagas possíveis no sistema literário. O auge da repressão e da censura fará com que se apresse a tomar decisões e se inicie o amadurecimento social da camada geracional.

Em 1969 Caetano e Gil se exilam em Londres, após sua prisão. Surge o Pasquim, inaugurando a imprensa posteriormente chamada de nanica, que através de tablóides como Opinião, Movimento e Versus desempenhou papel de resistência política nesse período⁽⁹⁾.

Em 1970, em São Paulo, é fundada a primeira editora-cooperativa de jovens escritores, a "Editora do Escritor", com Benedicto Luz e Silva à frente, sem objetivo de lucro e com a finalidade de divulgar o jovem autor e o iniciante. Outras editoras serão fundadas posteriormente, como a Editora Cooperativa de Escritores (ECE) em Londrina, em 1976. Ainda em 1970, Paulo Nassar mimeografava "Cantos de Eclipse" em Londrina, onde também Domingos Pellegrini Jr. já mimeografara seu primeiro folheto de poesia, "O marginal e outros poemas", em 1968. Ainda em 70, Pedro Lyra surge com o poema-postal e a arte-correio.

E em 1971 que aparecerão no Rio de Janeiro os primeiros trabalhos mimeografados de Chacal e de Charles, dois autores da geração, que alguns críticos apressados apontaram como sendo os pioneiros da camada geracional, o que não passa de erro grosseiro. No mesmo ano, em Brasília, o jornal "Tribo". Em 1972, as primeiras revistas deste surto (que a partir de 1975-76 serão chamadas abusivamente de marginais), "Protótipo" e Minas e "O Feto" no Rio. Em novembro, aos 28 anos, Torquato Neto suicida-se no Rio, morrendo rompido com Caetano e Gil, a quem considerou desertores das causas em que se engajara e que iam além de criar um pop autenticamente nacional. Em seu "Tropicalismo para Principiantes", Torquato deixou registrado: "Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido". Calavam-se uma das vozes mais importantes e decisivas da geração 1964. (Se a primeira edição apressada de suas obras reunidas⁽¹⁰⁾ já permitia adivinhar sua estrutura, resta-nos aguardar o lançamento da obra bastante ampliada e com inéditos, prometida pela Editora Max Limonad para o final de 1982.)

A falência do projeto político da esquerda no Brasil e o sufoco do AI-V caminharão juntos. Também, o modelo de desenvolvimento implantado revela seu caráter concentrador e elitista, manifestado claramente no curto período, ironicamente conhecido como "o milagre brasileiro". A racionalidade tecnológica é cada vez mais sinônimo de uma racionalidade tecnocrática. Concretizara-se uma base segura para a maior desconfiança dos jovens frente à tecnologia e seus corolários (modernidade, progresso, etc.)⁽¹¹⁾.

O desbunde marca a emergência dos mais jovens da geração, com uma feição mais complexa, cuja livre, desentupidos, mais próximos da contracultura que se instala, formas de comportamento discordantes, inclusive o uso de tóxicos, atitudes que não deixaram de ser uma resposta política à sociedade ambiente, à sociedade do sufoco.

A medida que os anos setenta avançaram, as publicações independentes (por que marginais?) ganharam nitida participação coletiva. As principais revistas e jornais, bem como manifestações deflagradas, happenings, shows, terão caráter eminentemente coletivo. Em 1973, surgia em Belo Horizonte o jornal mimeografado "Lixeratura", provocativamente destinado a publicar jovens autores rejeitados, e surge o ideário do "lixo"⁽¹²⁾. No Rio, ocorre a ExPoesia 1. Em Curitiba, a ExPoesia 2.

Em 1974, o circuito independente (um sistema literário paralelo) já atingiu a cidade de Brusque, no interior de Santa Catarina. Catarina Cogumelo Atômico, as duas maiores cidades do Paraná, São Paulo, Rio, Minas, Salvador, e se projetou sobre o nordeste. No Rio, surge a primeira de suas famosas "coleções", a Frenesi, com maiores recursos gráficos. Em São Paulo, a Editora do Escritor lança a sua primeira antologia de jovens poetas inéditos em livro até então, a *Vão Vão*.

Em 1975, a "distensão lenta, gradual e segura" do General Geisel. É o boom na área literária independente. Aqui nos deteremos em nossa enumeração, pois a partir daí há inúmeros registros feitos por pesquisadores. Como participante e testemunho dessa geração, não posso concordar com autores e pesquisadores que subtraem informações ou privilegiam ora apenas um aspecto dos fatos ora apenas outro. Principalmente, quando se tenta fazer, nem mesmo da cidade do Rio de Janeiro, da zona sul carioca o berço de um fenômeno muito mais amplo e de causas e berços múltiplos.

Por outro lado, nenhum de nós, em qualquer momento, vislumbrou ou previu no que redundariam nossas idéias e nossas publicações, editoras, manifestações e o diabo a quatro. Findaram criando no Brasil um circuito de mais de uma centena de revistas e jornais periódicos independentes, editoras independentes, associações e consórcios de jovens autores e/ou iniciantes. Um circuito e um sistema literário paralelos. Quem o diria?

Além do mais, a Tropicália veio para ficar. E já estão vindo os discos independentes.

Com toda a gama de repercussões que o fenômeno implica, nós somos os artesãos independentes. Da mesma forma que se repudiou a erudição fácil e a linguagem livresca, a sudez da MPB, a separação entre erudito e popular, contestou-se e se contesta a fria racionalidade ocidental do conceito tecnológico de "progresso", bem como tudo o que cheira a oficial e a mofa. Conseguiremos o grande feito de instaurar novas linguagens artísticas em um país tropical, dependente e periférico?

NOTAS

- 1 — Dois textos: O Escritor e a literatura na sociedade brasileira, Rev. Encontro com a Civilização Brasileira nº 26, Ed. Civ. Brasileira, Rio, 1961, pág. 186.

- 2 — Manual Bandeira Pré-Modernista, Ed. José Olympio, Rio, 1962.
- 3 — Retrato de Época — Poesia Marginal, Anos 70 — FUNARTE, Rio, 1981.
- 4 — Edit. Civ. Brasileira, Rio, 1962 e 1963.
- 5 — Torquato Neto — a volta do anjo terto, Tárk de Souza, Jornal do Brasil, Caderno B, Rio, 9 de novembro de 1982.
- 6 — Tárk de Souza, *idem*.
- 7 — Glaucio Mattoso, O Que é Poesia Marginal, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981, pág. 23.
- 8 — Glaucio Mattoso, *ob. cit.*, pág. 23.
- 9 — Glaucio Mattoso, *idem*.
- 10 — Os últimos dias de Paupéria, Ed. Eldorado, Rio, 1973.
- 11 — Carlos Alberto M. Pereira, *ob. cit.*, pág. 87/88.
- 12 — Aricy Curvello, entrevistas concedidas a Bruno Paraiso, Jornal do Commercio, Rio, 18 de agosto de 1973, e a Mário Lara, O Jornal, Rio, 21 de novembro de 1973.